



## Analfabetismo afetivo em adolescentes e suas consequências para as organizações

### Affective illiteracy in adolescents and their consequences for organizations

Kelly Danelli dos Passo\*, Marcia Maria Schad\*, Marisa Claudia Jacometo Durante\*, Paulo Renato Foletto\*

\*Faculdade La Salle - Brasil

#### Resumo

Afetividade e amor podem construir uma relação, onde, através do desenvolvimento dos mesmos, poderá aprender-se a arte de viver juntos como irmãos. O objetivo geral foi identificar quais consequências o analfabetismo afetivo causa para as organizações. Participaram 2.100 adolescentes na faixa etária 15 a 17 anos. Os resultados apontam 23% dos adolescentes que não conseguem sentir nem desenvolver todos os aspectos necessários para serem afetivos e como consequência possuem uma relação interpessoal positiva. Considera-se que a postura dos adolescentes inseridos no contexto do analfabetismo afetivo influenciará na convivência com o outro, dificultando o trabalho em equipe e a comunicação.

Palavras-chave: analfabetismo afetivo, impacto nas organizações, adolescentes.

#### Abstract

Affectivity and love can build a relationship, where, through their development, one can learn the art of living together as brothers. The overall objective was to identify what consequences affective illiteracy causes for organizations. A total of 2,100 adolescents aged 15 to 17 participated. The results point to 23% of adolescents who can not feel or develop all the aspects necessary to be affective and as a consequence have a positive interpersonal relationship. It is considered that the posture of adolescents inserted in the context of affective illiteracy will influence the coexistence with the other, making difficult the work in team and the communication. Keywords: affective illiteracy, impact on organizations, adolescents.

A gestão de pessoas consiste em métodos que buscam trabalhar os aspectos relacionados com o capital intelectual, ou seja, as pessoas. É utilizada nas organizações desde a atração, retenção até o desenvolvimento de talentos, onde por meio de uma boa gestão procura-se fazer com que as relações interpessoais fluam em perfeita harmonia.

Afetividade e amor podem construir uma relação, onde, através do desenvolvimento dos mesmos, poderá aprender-se a arte de viver juntos como irmãos. Sendo que a adoção da pedagogia de educar pelo amor poderia trazer uma incorporação positiva na vida social e coletiva das crianças e adolescentes. Dessa forma, dar-se-ia mais importância para a convivência com o outro,

o que poderia facilitar para que indícios de analfabetismo afetivo deixassem de existir.

Levando em consideração ainda, que esses adolescentes futuramente ingressarão no mercado de trabalho e que é atribuição da Gestão de Pessoas buscar o perfil adequado para o cargo a ser preenchido, através da pesquisa foi possível também conhecer o perfil dos futuros colaboradores das organizações que a Gestão de Pessoas terá disponível para recrutar, selecionar e desenvolver, lembrando que um bom relacionamento interpessoal também é essencial para se atuar em qualquer departamento organizacional.

Porém, analisando de forma empírica a sociedade em que vivemos, percebemos que muitas crianças já crescem frustradas por não ter uma relação interpessoal com a família, o diálogo, o respeito, o amor e carinho necessários. Chegam ao ambiente escolar e devido a condição social, física ou cultural não são aceitos no grupo, e acabam sofrendo algum tipo de *bullying*, o que poderá acarretar transtornos psicológicos.

Sites de notícias, relatórios policiais e manchetes de jornais, nos mostram que o problema da criminalidade envolvendo menores se agrava cada vez mais, entretanto ela não se restringe apenas as famílias que sobrevivem na miséria, mas também aquelas que não sofrem desse mal, e um motivo pelo qual isso acontece é a permissividade dos pais, que não impõe limites.

O objetivo geral do estudo foi identificar quais consequências o analfabetismo afetivo causa para as organizações. Especificamente pretendeu-se: a) identificar se os adolescentes estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo; b) estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações

O analfabetismo afetivo pode originar-se inicialmente na família, onde não há uma relação de afetividade, um abraço ou um beijo entre a mesma. Podendo estender-se para o grupo de amigos e colegas, onde muitas vezes prevalecem às relações virtuais que não permite um abraço ou um aperto de mão para demonstrar o afeto.

Nesse contexto, a pesquisa contribuiu para que a sociedade em geral se conscientize que as práticas das relações interpessoais afetivas devem se iniciar a partir da família e na escola com os educadores, incentivando para que demonstrem ao outro mais companheirismo e solidariedade, para assim conseguirmos construir uma

sociedade menos violenta, mais amorosa, justa e igualitária.

### Método

Este estudo apresentou como abordagem o método indutivo, e a pesquisa qualitativa, pois a partir da pesquisa realizada buscou-se generalizar os resultados. Entendeu-se ainda, que foi a melhor forma de apresentar os resultados. O método de procedimento abordado foi o estudo de caso, pois estudou-se um grupo de adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos.

A classificação da pesquisa foi exploratória, pois não foi encontrado nenhuma publicação sobre o tema analfabetismo afetivo.

O procedimento técnico foi um estudo de caso, uma vez que se estudou a faixa etária de 15 a 17 anos.

### Participantes

Os sujeitos da pesquisa foram 2.100 (dois mil e cem) adolescentes da faixa etária de 15 a 17 anos, escolhidos de forma aleatória em escolas das redes pública e privada no município de Lucas do Rio Verde – MT.

A caracterização dos sujeitos foi obtida por meio do questionário, o qual contou com a autorização assinada pelos pais do termo de livre consentimento, bem como atende as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n. 466/2012 a respeito da pesquisa com seres humanos e n. 251 de 07/08/97, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética da IES.

Dentre os pesquisados 68,6% são do sexo feminino e 31,4% masculino. 14,3% estão na faixa etária de 15 anos, 31,4% com 16 anos e 54,3% com 17 anos. Desses, 11,4% cursam o 1º ano do Ensino Médio (EM), 27,1% no 2º ano do EM e 61,4% estão no 3º ano do EM. Dos participantes da pesquisa 61,4% frequentam a escola pública e 38,6% a privada. 27,1% residem em casas de aluguel e 72,9% em residência própria. 87,2% dos respondentes moram entre 3 e 5 pessoas na residência. A renda salarial da família de 58,6% dos adolescentes está entre R\$ 1.301,00 a R\$ 5.200,00 e de acordo com 37,1% dos participantes da pesquisa a renda está entre R\$ 5.201,00 a R\$ 10.000,00.

### Procedimentos

A tabulação dos dados foi realizada no programa *Sphinx*, onde foram separadas as respostas semelhantes das divergentes e a partir das semelhantes e também das divergentes realizamos a análise correspondente, utilizando como base a revisão da literatura.

### Resultados e discussão

#### Inserção dos Adolescentes na Faixa Etária de 15 a 17 anos no Contexto do Analfabetismo Afetivo

Com a finalidade de identificar se os adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, questionamos quando os mesmos em sua relação com o outro conseguem realizar o sentimento citado por Crivelaro; Takamori (2005 p. 35) “a afetividade, [...], é um sentimento que surge quando espontaneamente nos preocupamos com o outro, quando conversamos sabendo ouvir, quando nos

aproximamos gerando mútuo conhecimento”. Sendo que 48,6% dos adolescentes responderam que conseguem realizar esse sentimento na maioria das vezes, 30% às vezes, 20% sempre e 1,4% nunca.

Pode-se assim constatar que os 20% dos adolescentes que conseguem demonstrar o sentimento de afetividade citado por Crivelaro; Takamori (2005) e os 48,6% que conseguem na maioria das vezes, são adolescentes que possuem boas relações interpessoais e conseguem demonstrar o afeto pelo outro, pois os autores ainda citam que a pessoa afetiva tem uma maior probabilidade de obter aceitação interna do outro, o comprometimento. A afetividade, o afeto, é o amor instintivo. O amor instintivo não nos deixa apaixonado. Ele apenas *é*, existe, simplesmente e espera ser descoberto para dar calor e saúde às nossas vidas. É o amor, a afetividade que perdura através do tempo, para manter, curar e sustentar a família humana.

No entanto, os 30% dos adolescentes que somente às vezes conseguem expressar o sentimento de afetividade, tem maior tendência de não possuir uma relação interpessoal positiva. E o adolescente que nunca consegue demonstrar em sua relação com o outro o sentimento de afetividade, dificilmente terá um relacionamento interpessoal positivo e será aceito internamente pelo outro, principalmente se analisarmos também que Crivelaro; Takamori (2005) fazem menção da afetividade como um dos principais fatores psicológicos para se ter um relacionamento adequado.

Ainda, com a finalidade de verificar se os adolescentes estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, perguntamos qual a preferência dos mesmos no contato com o outro, e 88,6% preferem o contato presencial (cara a cara) e 11,4% preferem o contato virtual (utilizando aplicativos).

Através das respostas percebe-se que a maioria dos adolescentes prefere o contato presencial, o que facilita a demonstração do sentimento de afetividade, pois conforme Crivelaro; Takamori (2005) a afetividade também é o apertar de mão e o abraço carinhoso, algo que só é possível pelo contato interpessoal. Desse modo, os 11,4% dos adolescentes que preferem o contato virtual não conseguirão demonstrar essa afetividade através de uma máquina.

Ainda, no intuito de verificar se os adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos estão inseridos no contexto do analfabetismo afetivo, questionamos quantas vezes ao dia os mesmos abraçam e/ou recebem um abraço de seus pais ou pessoas que moram junto com eles, e a maioria, 32,9% respondeu que nenhuma.

Segundo Crivelaro; Takamori (2005) a afeto também é demonstrado através do aperto de mão e o abraço carinhoso, desse modo, se relacionarmos com a resposta da maioria dos adolescentes, é possível dizer que os mesmos não demonstram afeto através dessa característica, que muitas vezes na vida é necessária, pois transmite amor, carinho, cuidado e dedicação. Por outro lado, o restante dos adolescentes pesquisados consegue demonstrar ou receber esse afeto, sendo que 27,1% até três vezes ao dia, o que pode ser considerado ótimo.

Para melhor avaliar, perguntamos ainda se os adolescentes consideram que recebem o amor e carinho que gostaria, independentemente de quem seja, sendo que 40% responderam às vezes, 30% responderam na maioria das vezes, 27,1% responderam sempre e 2,9% responderam que nunca.

Pode-se assim dizer que a maioria dos adolescentes considera que recebe somente às vezes o amor e carinho que deseja, o que pode fazer com que os mesmos também não expressem tanto amor e carinho, sendo que os 27,1% que consideram que recebem sempre e os 30% que consideram que recebem na maioria das vezes, tendem a oferecer mais e os 2,9% que nunca recebem o amor e carinho que gostaria, tendem a se sentir excluídos, o que dificulta para que os mesmos expressem seus sentimentos ao outro.

Ainda, com o intuito de verificar sobre a inserção dos adolescentes no contexto do analfabetismo afetivo, perguntamos também se os adolescentes conversam com outras pessoas e trocam conhecimentos, 47,1% responderam que na maioria das vezes, 31,4% responderam que às vezes e 21,4% responderam que sempre, sendo que nenhum adolescente respondeu nunca.

Diante disso, percebe-se que a maioria dos adolescentes conversam com outras pessoas trocando conhecimento e conseguem demonstrar afetividade dessa forma, pois os autores Crivelaro; Takamori (2005) afirmam que afetividade também é um sentimento que ocorre quando nos aproximamos gerando mútuo conhecimento. Porém, os 31,4% que somente às vezes conversam trocando conhecimento, não conseguem demonstrar tanta afetividade em relação aos demais.

Buscando mais informações para verificar a inserção no contexto do analfabetismo afetivo, perguntamos aos adolescentes se costumam ter algum tipo de conflito com outras pessoas, sendo que a maioria, 71,4% respondeu às vezes, 14,3% responderam nunca, 8,6% maioria das vezes e 5,7% sempre.

A partir das respostas, constata-se que apenas 14,3% dos adolescentes não possuem conflitos com outras pessoas, e todos os demais mesmo que em diferentes proporções costumam ter algum tipo de conflito. De fato, em determinadas situações o conflito pode ser positivo, porém quando o mesmo se torna rotineiro, pode causar problemas à convivência social, e segundo Crivelaro; Takamori (2005), o amor instintivo e a afetividade devem perdurar entre as pessoas, pois é o mesmo que sustenta a família humana, e poderá manter a convivência social harmônica.

Fizemos várias perguntas referente à frequência com que os mesmos sentem emoções, sendo que foram embasadas no autor Goleman (2007) que define as mesmas como principais candidatas das emoções e membros de suas famílias.

Desse modo, questionamos com qual frequência os adolescentes em sua vida pessoal e na relação com as outras pessoas, sentem medo conforme a descrição de Goleman (2007) medo: ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrupulo, inquietação, pavor, susto, terror e, como psicopatologia, fobia e pânico. Obteve-se os seguintes

resultados: 62,9% às vezes, 15,7% muitas vezes, 12,9% frequentemente e 8,6% nunca.

Através dos resultados é possível perceber que a maioria dos adolescentes sente medo conforme a definição de Goleman (2007), às vezes, seguida de muitas vezes e frequentemente e após um pequeno número de adolescentes que nunca sentem essa emoção, assim avalia-se que nos adolescentes onde essa emoção é mais consistente, pode estar faltando algum tipo de amparo afetivo, o que de certa forma facilita a inserção dos mesmos no contexto do analfabetismo afetivo.

Complementando, questionamos com qual frequência em sua vida pessoal e na relação com outras pessoas, os adolescentes sentem tristeza, conforme a definição de Goleman (2007) tristeza: sofrimento, mágoa, desânimo, desalento, melancolia, auto piedade, solidão, desamparo, desespero e, quando patológica, severa depressão. Sendo que a maioria dos adolescentes, 65,7% respondeu às vezes.

Desse modo, avaliando os resultados percebe-se que quase todos os adolescentes pesquisados sentem tristeza em algum momento na sua vida pessoal e na relação com outras pessoas, sendo que apenas 14,03% nunca sentem.

Considera-se assim, que a consistência desse tipo de emoção pode ser causada pela carência afetiva, e nos adolescentes em que ela é mais consistente há maior probabilidade de se enquadrarem no contexto do analfabetismo afetivo. E ainda, segundo Castro (2014) essa emoção pode comprometer o bem-estar psicológico e conseqüentemente o rendimento e desempenho do ser humano.

Com o intuito de melhor avaliar, questionamos ainda com que frequência que os adolescentes em sua vida pessoal e na relação com outras pessoas sentem prazer conforme a definição de Goleman (2007) prazer: felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sexual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, euforia, êxtase e, no extremo, mania. A maioria dos adolescentes, 40% respondeu muitas vezes, seguida de 38,6% frequentemente e após 21,4% às vezes.

Percebe-se através dos resultados que a maioria dos adolescentes sentem prazer muitas vezes e logo seguida de frequentemente, conforme descrição de Goleman (2007). Avalia-se assim que os adolescentes que sentem essa emoção com mais consistência tendem a se sentir bem e transmitir isso a outras pessoas o que influenciará positivamente nas suas relações interpessoais, e além disso conforme Castro (2014) essa emoção ainda atua como um poderoso motivador, influenciando positivamente na saúde física, mental e espiritual das pessoas.

Questionamos também, com que frequência em sua vida pessoal e na relação com as outras pessoas, os adolescentes sentem amor conforme a definição de Goleman (2007) amor: aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração, paixão, ágape. Onde os resultados obtidos nos mostram que 47,1% dos adolescentes sentem amor frequentemente, 28,6% muitas vezes, 21,4% às vezes e 2,9% nunca.

Analisa-se através dos resultados que a maioria dos adolescentes sente o amor descrito por Goleman

(2007), o que pode ser resultado de um relacionamento interpessoal adequado, que se consegue através do uso dos três principais motivadores psicológicos citados por Crivelaro; Takamori (2005) que são a autoestima, a empatia e a afetividade.

Porém há 21,4% que sente essa emoção às vezes e 2,9% nunca, o que pode ser explicado pela carência de algum ou de todos os motivadores psicológicos citados pelos autores para se ter um relacionamento adequado, avaliando que o sentimento de amor é causado pela aceitação, amizade, dedicação, etc., os quais se encontram na autoestima, empatia e afetividade.

Desse modo, os adolescentes em que a emoção de amor definida por Golemam (2007) é menos consistente a probabilidade de ter relações negativas é maior em relação aos que conseguem sentir com mais consistência o amor.

Buscando mais informações, perguntamos aos adolescentes com que frequência em sua vida pessoal e na relação com outras pessoas sentem vergonha conforme definição de Golemam (2007) vergonha: culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição. A maioria, 77,1% dos adolescentes responderam que às vezes, 10% responderam que nunca, 8,6% responderam que muitas vezes e 4,3% responderam que frequentemente.

Os resultados nos mostram que a maior parte dos adolescentes pesquisados já sentiu vergonha em algum momento na sua vida pessoal e na relação com outras pessoas e apenas 10% nunca sentiram vergonha. Conforme a definição de Golemam (2007), pode-se inferir que os adolescentes que sentem essa emoção com mais consistência tendem a ter maior sucesso nas relações interpessoais, pois os mesmos têm consciência de suas atitudes, porém quem não apresenta esse sentimento pode não ter sucesso nas relações interpessoais, pois é orgulhoso demais para admitir que também possa errar, podendo assim estar mais propenso a inserir-se no analfabetismo afetivo.

Em nossa concepção, o analfabetismo afetivo é a ausência de uma relação interpessoal positiva, de uma relação de amor instintivo, amizade e solidariedade, um aperto de mão e/ou um abraço carinhoso, um sentimento espontâneo de preocupação com o outro, quando se conversa sabendo ouvir, quando se aproxima gerando mútuo conhecimento.

Considerando essa concepção, percebe-se que a maioria dos adolescentes pesquisados, na faixa etária de 15 a 17 anos, conseguem desenvolver o sentimento de afetividade, autoestima e empatia, o que faz com que os mesmos desenvolvam um relacionamento positivo, tornando-os menos propensos à inserção no contexto do analfabetismo afetivo.

Porém, pode-se dizer que há uma minoria de adolescentes, na faixa etária de 15 a 17 anos, dentre os pesquisados, que não conseguem sentir e desenvolver todos os aspectos necessários para serem afetivos e como consequência possuem uma relação interpessoal positiva. Desse modo, é possível inferir que essa minoria de adolescentes está inserida no contexto do analfabetismo afetivo.

## **Impacto do Analfabetismo Afetivo para as Organizações**

Com o intuito de estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações, buscou-se informações sobre o perfil dos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos que futuramente farão parte do mercado de trabalho, assim sendo questionamos se os mesmos pretendem cursar o ensino superior, e obteve-se 97,1% de respostas positivas e 2,9% de respostas negativas.

Ainda, com a finalidade de estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações, questionamos aos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos, como os mesmos entendem o ambiente de trabalho, e com maior representatividade, 27,1% responderam que entendem o ambiente de trabalho como um local muito concorrido, que se deve levar a sério e ter muita dedicação, profissionalismo, companheirismo, responsabilidade, amizade, foco, concentração e compreensão; 12,8% responderam que entendem o ambiente de trabalho como um local de comprometimento, onde coloca-se em prática os conhecimentos, se aprende, e busca-se melhorar sempre, conhece-se e interage com as pessoas; 7,1% responderam que entendem o ambiente de trabalho como um ambiente agradável e prazeroso, onde deve haver respeito.

Percebe-se através do entendimento dos adolescentes sobre o ambiente de trabalho, que os mesmos possuem uma boa percepção de como deve ser. Avalia-se assim, que é com base nesse entendimento que os adolescentes irão agir quando estiverem atuando no mercado de trabalho.

Para melhor avaliar, perguntamos como os adolescentes imaginam o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho, sendo que com maior representatividade, 24,2% responderam que consideram o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho bom, com parceria e coleguismo entre todos, sem conflitos; 18,5% responderam que imaginam o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho com respeito e compreensão uns para com os outros, amizade, colaboração e trabalho em equipe; 18,5% responderam que imaginam o relacionamento com os outros no ambiente de trabalho harmonioso, agradável, amigável, tolerável, passivo, profissional e saudável.

Pode-se dizer através das respostas, que por imaginarem o relacionamento no ambiente de trabalho com todos os aspectos positivos citados, os adolescentes procurarão desenvolver essas características e se portarão desse modo no seu relacionamento com o outro no ambiente de trabalho.

Buscando ainda estudar o impacto do analfabetismo afetivo para as organizações, questionamos aos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos, o que os mesmos pensam sobre conviver com o outro, com maior representatividade, 22,8% adolescentes pensam que conviver com o outro é bom, assim um ajuda o outro, adquire-se novos conhecimentos, pois ser feliz sozinho não é possível; 11,4% adolescentes pensam que conviver com o outro é bom e necessário, faz parte da vida, pois temos que conviver com pessoas, nenhum ser

vivo é capaz de viver sozinho, isolado; 7,1% adolescentes pensam que conviver com o outro é ter respeito mútuo, amizade e companheirismo, saber compreender as opiniões dos outros e expor as suas.

Entretanto, considera-se que os adolescentes pensam que conviver com o outro é algo bom em todos os aspectos, avalia-se assim que os mesmos tendem a agir de tal maneira em seus relacionamentos.

Porém, analisando o perfil dos adolescentes, com base nos objetivos anteriores, percebe-se que nem todos conseguem agir dessa forma, o que poderá dificultar a convivência com o outro na organização que futuramente atuarão.

Procurando entender o perfil dos adolescentes, ao utilizar o programa *Sphinx* para tabulação de dados, realizou-se um cruzamento de informações com relação a renda salarial, com quem e quantas pessoas moram na mesma casa e à qual rede de ensino pertence, porém, o programa não indicou resultados relevantes. Desse modo, infere-se que nesse grupo pesquisado essas variáveis não exercem interferência no relacionamento interpessoal.

Portanto, relacionando com os objetivos anteriores, percebe-se que os futuros colaboradores das organizações, os atuais adolescentes, tem um perfil ligado a tecnologia, onde necessitam estar conectado o tempo todo, sendo que a paciência não é uma virtude e um bom relacionamento dentro de uma organização, exige principalmente paciência.

Contudo, foi possível perceber que a maioria dos adolescentes pesquisados, consegue manter um bom relacionamento, porém uma minoria tem a ausência de um ou mais aspectos necessários para um relacionamento positivo com o outro, o que faz com que os mesmos se insiram no contexto do analfabetismo afetivo.

Desse modo, pode-se dizer que a postura dos adolescentes inseridos no contexto do analfabetismo afetivo influenciará na convivência com o outro dentro da organização, impactando em maiores conflitos com os colegas, dificultando o trabalho em equipe e a comunicação. Considerando isso, os adolescentes que se enquadram no contexto do analfabetismo afetivo poderão prejudicar o seu próprio desempenho profissional e como consequência o desempenho da organização.

### Considerações finais

Considerando o estudo realizado, pode-se inferir que a maioria dos adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos tem uma percepção de que a afetividade é necessária para se manter um bom relacionamento, demonstrada através do sentimento de preocupação espontânea com o outro, da troca de conhecimentos e experiências, do abraço carinhoso, enfim, do afeto que um indivíduo necessita para não se sentir rejeitado ou excluído, tanto pela família, amigos e até mesmo pela sociedade.

Por outro lado, percebeu-se ainda, que há uma minoria de adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos que não

conseguem demonstrar totalmente o sentimento de afetividade, levando-se a entender que não possuem uma percepção do real significado da afetividade, nem tampouco da importância desse sentimento para a vida das pessoas.

Contudo, pode-se dizer que os resultados do estudo demonstraram pontos positivos, bem como negativos, a respeito do relacionamento positivo com o outro, porém, ainda é possível reverter os pontos negativos, desenvolvendo os três principais motivadores psicológicos, a autoestima, empatia e afetividade e também a inteligência emocional.

Analisando os resultados da pesquisa com os adolescentes na faixa etária de 15 a 17 anos, observou-se que a teoria estudada reflete na prática, onde através das citações de vários autores foi possível chegar a considerações com embasamento teórico sobre os sentimentos e emoções dos adolescentes.

A partir do estudo, obteve-se também uma percepção de que os adolescentes que conseguem desenvolver os aspectos necessários para o relacionamento adequado, conseguirão obter maior sucesso, tanto em relações pessoais como profissionais.

Entretanto, percebeu-se ainda que os adolescentes pesquisados se enquadram na geração Z, onde já nasceram em um mundo tecnológico, e não conseguem ficar desconectados. Considera-se que isso, da mesma forma que pode facilitar a comunicação, também pode prejudicá-los nas relações interpessoais, na afetividade e futuramente no desempenho dentro da organização que atuarão.

Desse modo, sugere-se que os próprios adolescentes procurem se auto conscientizar, monitorando-se, e controlando-se para que essa necessidade de estarem conectados a todo o momento não os prejudiquem em sua vida social, profissional e afetiva.

No entanto, o estudo realizado contribui para que a sociedade em geral, perceba a importância da afetividade na vida das pessoas, e se conscientize que se os sentimentos de afetividade forem desenvolvidos e trabalhados positivamente desde o início da vida, iniciando pela família, haverá uma probabilidade maior de relacionamentos positivos que contribuirão para o sucesso do próprio indivíduo e para a convivência social harmônica.

### Referências

- Castro, J. (2014). Emoção positiva e negativa. Recuperado de <http://www2.uol.com.br/JC/sites/deloitte/artigos/a107.htm>
- Crivelaro, R. & Takamori, J. Y. (2005) Dinâmica das relações interpessoais. Campinas/SP: Editora Alínea.
- Goleman, D. (2007) Inteligência Emocional: a teoria evolucionária que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva.